



EIXO TEMÁTICO:
Organização e Representação da Informação e do Conhecimento

PODER SIMBÓLICO EM APLICATIVOS DE RELACIONAMENTOS

SYMBOLIC POWER IN A SOCIAL NETWORK APPLICATION

Jucenir da Silva Serafim – jucenirs@gmail.com

Resumo: As tecnologias da informação (TIC) tiveram sua última grande revolução em meados do século XX, isso impulsionou o uso da internet e tornou a informação uma mercadoria mediada pelas TIC. Esses avanços modificaram as formas com que a humanidade se relaciona com o mundo e consigo, pois, por meio do ciberespaço aumentam-se os círculos de relacionamentos. Desta forma, aproximando o mundo virtual do real, para criar afinidades com outras pessoas a partir do virtual. As relações interpessoais tendem a ser complicadas e por vezes é marcada pela dicotomia dominante e dominado. Por isso, o estudo tem a intenção de identificar o poder simbólico e a violência simbólica em perfis de aplicativos de relacionamentos para homossexuais masculinos. Para tanto, investigou-se a informação que esses homens disponibilizam em seus perfis públicos e descobriu-se que o poder simbólico tem força dentro do aplicativo analisado, apesar de não existirem classes sociais em tal ambiente. Evidenciou-se que a violência simbólica se dá a partir da busca de parceiros que não são afeminados e pelo discurso auto afirmativo de não ser afeminado.

Palavras-chave: Poder simbólico. Ciberespaço. Aplicativos de relacionamentos. LGBT. Sujeitos afeminados.

Abstract: The information and communication technologies (ICT), went through their most recent great revolution in the mid-20th century, which promoted the usage of internet, and turning information into commodities that are mediated by the ICT. These improvements changed the way humanity interacts with the world and itself; using the cyberspace to expand its network. Thus drawing near the real-world and the virtual reality to establish relationships based on the cyberspace. The interpersonal relations tend to be complicated and most of the time they are delimited by the dichotomy predominant and dominated. Therefore, this study has the intention of identifying symbolic power and symbolic violence in male homosexual social network application. For this purpose, it was investigated the information which those men provided in the public profile. It was found out that symbolic power is strong in the analyzed social network, even though there are no social classes in the cyberspace. It was demonstrated that symbolic violence happens in the search for non-effeminate partners and in the self-assertion discourse of not being effeminate.

Keywords: Symbolic power. Cyberspace. Social network application. LGBT. Effeminate subjects.

1 INTRODUÇÃO

As tecnologias de informação e comunicação (TIC) têm um importante papel na sociedade contemporânea - denominada sociedade do conhecimento - porque vive-se um momento de emergência de um novo paradigma econômico no qual o capital, trabalho etc, deixam de ser fatores mais importantes, abrindo espaço para o uso intensivo de conhecimento e informação. (UNESCO, 2007, 7)

Esse cenário mostra-se cada vez mais consolidado devido à “revolução tecnológica”, ocorrida a partir de meados do século XX e acelerada depois da “invenção” da *Internet* (MALHEIRO, 2011, 125), que fez com que o conhecimento e principalmente a informação circulassem com maior velocidade, criando na sociedade um grande interesse por tecnologias como *smarthphones*, câmeras digitais, computadores e uma grande gama de equipamentos tecnológicos que são utilizados tanto profissionalmente e academicamente quanto para o lazer.

As TIC de produção, máquinas microeletrônicas (informacionais), assim como as ferramentas de suporte, fibra óptica, protocolo tcp ip, redes sociais e tantas outras tecnologias interagem com o ciberespaço para produzir máquinas que possam ser utilizadas pelo público geral para produzir e consumir a mercadoria maior da quarta idade da máquina: a informação. (ALVES, 2011, p.70-71).

Elas estão diretamente ligadas com as novas formas de produzir, organizar, apresentar e disseminar a informação. (MALHEIRO; RIBEIRO, 2011, 125). Assim, é necessário superar a visão de que as tecnologias de informação permeiam apenas os espaços educacional e profissional, pois elas fazem parte do social voltado à afetividade. As redes sociais off-line ganham força ao se tornarem online por meio do Ciberespaço, um local que pode ser definido como uma máquina social, onde se realizam trocas simbólicas, transações econômicas, comerciais, relações sociais e afetivas. (MONTEIRO, 2007, p.14).

Um dos usos mais corriqueiros das TIC de produção está na forma de aplicativos de relacionamento, os quais pretendem facilitar a vida dos que tem a intenção de fazer novas amizades, namorar ou simplesmente ampliar seu *networking*, mas não tem disponibilidade para frequentar os tradicionais pontos de encontros como bares e restaurantes. Esse cenário sofre alterações quando seus

usuários são pessoas que não se enquadram aos padrões estabelecidos pela sociedade e que veem no ciberespaço uma possibilidade de expressão e de celebrar a diversidade, sendo essa a situação de membros da comunidade LGBT.

Assim, o artigo visa analisar perfis públicos de um aplicativo de relacionamento homossexual masculino à luz da teoria da violência simbólica com o intuito de identificar nas apresentações de seus usuários discursos de cunho preconceituoso.

2 O CIBERESPAÇO E LINGUAGEM

O ciberespaço contém várias conceituações. Uma delas o assinala como um espaço de comunicação que não é necessariamente físico, como um mundo virtual que não é palpável. Em termos platônicos, tal mundo poderia ser conceituado como um mundo metafísico, que existe em paralelo com o mundo das sensações. Porém esta outra forma de realidade está permeada pelas opiniões criadas no mundo físico. (MONTEIRO, 2007, p.1).

Monteiro (2007, p.3), cita Alex Antunes, tradutor da edição brasileira de *Neuromancer*, por Willian Gibson. No prefácio do livro Antunes afirma que: “o ciberespaço, é uma representação física e multidimensional do universo abstrato da 'informação'. Um lugar pra onde se vai com a mente, catapultada pela tecnologia, enquanto o corpo fica pra trás.” (GIBSON, 2003, p.5-6 *apud* MONTEIRO, 2007, p.3).

O ciberespaço, para algumas pessoas, pode funcionar como uma válvula de escape porque é um lugar multidimensional onde podem expressar publicamente diferentes opiniões da forma que melhor lhes convêm, apresentarem-se quer como são no mundo real ou por meio de uma identidade criada de acordo com o que idealizam. Para que isto seja possível, se faz necessário a utilização de tecnologias como aplicativos de *smartphones*, *tablets*, redes sociais etc., para dar vida, no ciberespaço a uma *persona* que não pode existir no mundo real por causa de amarras sociais, mas que pode existir livremente no mundo virtual:

A internet é um espaço de comunicação propriamente surrealista, do qual 'nada é excluído', nem o bem, nem o mal, nem suas múltiplas definições, nem a discussão que tende a separá-los sem jamais conseguir. A internet encarna a presença da humanidade a ela própria, já que todas as culturas, todas as disciplinas, todas as

paixões aí se entrelaçam. Já que tudo é possível, ela manifesta a conexão do homem com a sua própria essência, que é aspiração à liberdade. (LÉVY, 2002, p.14)

De acordo com Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, “a linguagem é qualquer meio sistemático de comunicar ideias ou sentimentos através de signos convencionais, sons, gráficos, gestuais etc, próprio da espécie humana. (HOUAISS, 2009, p.1183). Dentro do universo virtual a linguagem tem a função de representar e tomar o lugar de outra coisa a título de seu substituto. (BENVENISTE, 1974 *apud* CERVANTES, 2009, p.28). Assim, a linguagem no ciberespaço representa ou recria, por meio do signo linguístico, as concepções que as pessoas têm sobre elas, outros indivíduos e o mundo. Representação a qual, segundo Martín-Barbero (2008, p.12 *apud* CERVANTES 2009, p.28) constrói vínculos que dão coesão à sociedade, a qual se transforma perante a emergência do ciberespaço, uma revolução análoga à invenção da escrita (MONTEIRO, 2007, p.6)

A linguagem traduz e transfere em enunciados sequenciais o que se manifesta como simultaneidade superposta no cérebro e no real. Assim, utilizamos a língua e outros sistemas de significação socialmente construídos para elaborar os significados, as representações que dão sentido à nossa vida. Salientamos, com isso, que é na linguagem que se constroem as culturas humanas, ou seja, que se elaboram os discursos e as narrativas que direcionam nossas ações. (CERVANTES, 2009, p.34)

Tal linguagem torna possível as representações do mundo real e virtual, possibilitando a construção e reconstrução de identidades, a comunicação e a quebra de barreiras, expondo as feridas da sociedade por meio de discursos de intolerância e principalmente da denúncia do preconceito que por vezes se torna invisível aos olhos de todos.

3 O PODER SIMBÓLICO EM UM APLICATIVO DE RELACIONAMENTOS

O poder simbólico é conceituado por Bourdieu como um poder invisível, que está por toda parte e ao mesmo tempo em parte alguma. Por vezes não se faz questão de reconhecê-lo nas situações mais corriqueiras, porque sua força, que não se vê, é exercida com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhes estão sujeitos ou mesmo que o exercem, pois tal poder emana de estruturas estruturantes bem-conceituadas pela sociedade, como a arte, língua, religião e

ciência, os quais são sistemas simbólicos que agem como instrumentos de conhecimento e de construção do mundo. (BOURDIEU, 1989, p.7-8)

Bourdieu explica que os sistemas simbólicos, enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação, só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados. O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem, para estudar os conhecimentos imediatos do mundo, em particular do mundo social. O que Durkheim chama de conformismo lógico: uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências. Portanto, os sistemas simbólicos têm papel social que não se reduz a função de comunicação dos estruturalistas, pois os símbolos são os instrumentos por excelência da integração social, que tornam possível o *consensus* para a reprodução da ordem social. (BOURDIEU, 1989, p.9-10).

As sociedades são divididas em dominantes e dominados, porém nem sempre está clara a dicotomia entre esses atores, pois “A cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante (assegurando uma comunicação imediata entre todos os seus membros e distinguindo-os das outras classes) [...]” (BOURDIEU, 1989, p.10). Tal dominação sempre ocorreu com o apoio da cultura, religião, arte e principalmente da linguagem, porque é a partir dela e da filosofia que os conceitos são criados.

[...] para a integração fictícia da sociedade no seu conjunto, portanto, à desmobilização (falsa consciência) das classes dominadas; para a legitimação da ordem estabelecida por meio do estabelecido das distinções (hierarquias) e para a legitimação dessas distinções. Este efeito ideológico, produzi-lo a cultura dominante dissimulando a função de divisão na função de comunicação: a cultura que une (intermediário de comunicação) é também a cultura que separa (instrumento de distinção) e que legitima as distinções compelindo todas culturas (designadas como subculturas) a definirem-se pela sua distância em relação à cultura dominante. (BOURDIEU, 1989, p.10).

Neste tópico pretende-se ensaiar o poder simbólico dentro do campo do ciberespaço. Como posto anteriormente, tal poder existe no mundo real e separa cada classe por meio de suas características distintas, as quais são compostas de forma básica pelos capitais econômico, social, cultural e simbólico. As características de cada classe são alienadas ao adentrar no meio virtual. Porque dentro da internet,

todos são iguais e podem criar novas identidades (*personas*). A este estudo interessa primordialmente a dicotomia entre homossexuais afeminados e os não afeminados no campo de um aplicativo de relacionamentos LGBT voltado para o público masculino.

Na década de 1990, após o conhecido advento da *internet*, surgem as salas de bate-papo *online* onde a linguagem em sua forma escrita era mais uma vez utilizada para conhecer pessoas que moram longe. Porém o papel, caneta, carta e selo são substituídos por cabos telefônicos e computadores. Nessas salas virtuais, pessoas de vários contextos utilizam a língua escrita para iniciar novas amizades e relacionamentos amorosos tão rápido quanto a velocidade da internet. Em tal período era comum nesse ambiente ler mensagens de homens que procuravam relacionamentos com outros homens. Eles deixavam explícito em seus discursos que não eram afeminados, que não “curtiam” homens afeminados e complementavam seus enunciados com frases como: “não tenho nada contra, estou avisando para não perder tempo”. Sentenças como essa camuflam a violência simbólica em um discurso que prioriza a economia de tempo para conseguir um relacionamento rápido e viabilizam a construção de uma cultura na qual o homossexual masculino deve manter-se dentro de estereótipos heterossexuais.

Contemporaneamente vive-se no mundo no qual o real se mistura com o virtual, rompendo as paredes das classes sociais e criando oportunidades dentro do ciberespaço para que todos possam se expressar e até mesmo criar novas *personas* para interagir dentro dele. Como tudo é permitido no ciberespaço, questões que envolvem preconceitos em várias esferas da sociedade são impulsionadas do mundo real para o virtual, o que torna o poder e violência simbólicos tão palpáveis ao ponto de conseguirem ganhar forma no signo linguístico, mesmo sem as classes sociais que são alienadas no ciberespaço, por meio dos perfis e postagens das redes sociais e aplicativos de relacionamentos nos *smartphones* e *tablets*, especificamente os que são voltados para homens *gays*. Acredita-se que por meio dessas tecnologias de produção da informação, o poder simbólico que existe no meio *off-line* é reforçado por uma pequena elite de homens *gays* que se denominam discretos, não afeminados, fora do meio LGBT etc, o que promove no meio *on-line* a segregação que há no meio *off-line* entre esses homens.

Pode-se apontar dois tipos de *personas* dentro do aplicativo de relacionamentos investigado. A primeira é uma elite que dita os padrões do que é visto como bom para o homem *gay*. Tal classe exerce seu poder simbólico nos meios convencionais de comunicação como jornais, revistas, televisão e no contato social no trabalho, escola, festas etc. E a segunda, de homens *gays* afeminados que são discriminados por não atingirem os traços padrões de um homem heterossexual másculo. Nesta situação o poder simbólico está consolidado dentro do campo onde os homossexuais se encontram. Ele (o poder simbólico) é tão forte que faz com que os homens *gays* afeminados se esforcem para se encaixarem no padrão e desprezem todos o que a ele não aderem, assim gerando violência simbólica.

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os << sistemas simbólicos >> cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim segundo a expressão de Weber, para a << domesticação dos dominados >>. (BOURDIEU, p.11, 1989).

A dominação dos dominados no contexto LGBT ocorre quando se impõe a heteronormatividade que exigem que os homens homossexuais se comportem como homens heterossexuais e que em alguns casos finjam traços masculinos para conquistar outro homem. Dessa forma, a situação torna-se algo corriqueiro para a sociedade em geral, assim como no campo onde os homossexuais se encontram. O que legitima a violência simbólica como uma questão de gosto pessoal e não como preconceito que é velado em extensão global.

4 METODOLOGIA, ANÁLISE E RESULTADOS

Durante os meses de julho e agosto de 2016 foram colhidas imagens, *screenshots*, de perfis públicos de um aplicativo de relacionamento voltado para homens *gays*. Foram escolhidos 10 perfis e deles extraídos pequenos textos com a função de apresentar os usuários, especificar quais são suas intenções naquele espaço, que tipo de comportamento e fenótipo esperam que os outros usuários

possuam. Os perfis foram divididos em dois grupos: “perfis que apresentam violência simbólica” e “perfis de contraponto”.

Perfis que apresentam Violência Simbólica

Perfis de contraponto

“Sou macho e procuro homens sem frescuras. Sou flex, mais ativo, procuro caras bonitos, boa cia, não curto efeminados e nem caras com frescuras.”

“Será. Que ainda existe alguém que queira namorar.....? Eu sou um menino romântico e atencioso, talvez pouco sagas aqui querendo algo sério, mas tudo pode acontecer...mas além da satisfação, quero alguém p namorar”

“Discreto não afeminado, procuro conhecer alguém legal e ver o que rola.”

“SEM FOTO DE ROSTO, NÃO RESPONDO. Quer “mistério” vai pro bate papo do UOL. 100% Ativo. Não malho e estou bem satisfeito com meu físico. Sou um homem bem resolvido, afim de uma boa cia. Simples assim.”

“Macho discreto boa tinta. Para uma aventura ou algo mais. Não curto assumidos. Voz e atitudes de homem procuro o mesmo.”

“Você ser discreto é tão relevante quanto eu ter miopia”

“Não busco assumidos. Discrição máxima obrigatório!”

“*Born Brazilian, world citizen.* Sou jornalista, aquariano e procuro desconstruir meus preconceitos ao máximo. Livre de compromissos com padrões estéticos e apreciados das mais variadas espécies de álcool.”

“Não sou assumido, não sou afeminado (e nem curto), não frequento ambientes GLS. Procuro alguém com o mesmo perfil que o meu, Se você não se encaixa, nem me chame!”

“O mais corajoso dos atos ainda é pensa com a própria cabeça. #carismatico #afeminado #alegre #moda #londrina #papocabeça #chato #londrinagay.”

Fonte: Dados da pesquisa

Os textos dos perfis apresentados acima trazem consigo exemplos do poder simbólico que é exercido no mundo real. Não se sabe com certeza que instituição propaga o discurso do que é ser homem ou como ele deve se comportar. Nos sete primeiros perfis analisados, fica evidente a necessidade de se auto afirmar como “não afeminado”, que não frequentam ambientes LGBT (sigla que substitui GLS),

como se os aplicativos de relacionamentos para homens *gays* não fosse um meio LGBT.

A discrição é outra característica que os homens *gays* que se denominam másculos procuram em seus parceiros sexuais. Todavia, se alguém perguntar a algum usuário o que é discrição, ele provavelmente responderá que é não ser afeminado, neutro ou ser “macho”. Essa forma de resposta aponta para direção das questões de gênero, desencadeando discussões quanto ao que é ser homem e por que parecer com uma mulher, ter traços e comportamentos femininos é mal visto pela sociedade contemporânea. De qualquer forma, pode-se dizer que para o homem *gay* másculo é importante que seus traços se equiparem como os dos homens heterossexuais, assim evitando os estigmas que acompanham a homossexualidade.

Percebe-se pelos discursos dos perfis de contraponto que seus autores querem escapar à busca pelo padrão ao expor seus sentimentos, compartilhar a vontade de conhecer alguém para ter um relacionamento longo, ao demonstrar que está feliz com o físico que tem, ao não se importar com os preconceitos que existem na dicotomia afeminado / não afeminado. Porém, toda a vez que os usuários desse grupo concordam em se relacionar com usuários responsáveis por perfis que apresentam violência simbólica, o poder simbólico é exercido em plena magnitude. Pois quem faz uso dele, por vezes alega que ele não existe e o que está escrito no perfil é apenas uma questão de gosto e se escrever para evitar a perda de tempo; por sua vez, os dominados concordam com a não existência do poder simbólico. Por isto sofrem violência simbólica todas as vezes que tentam sem perceber adequarem-se aos padrões. Sejam eles no ambiente virtual ou real.

A violência simbólica, no contexto do aplicativo analisado, ocorre velada sob a roupagem da economia de tempo e da máscara da preferência, que se torna uma exclusão de comportamentos, tipos físicos e etnias. É difícil afirmar com completa certeza que relacionar-se com homens não afeminados é uma preferência, quando não se consegue distinguir se a origem do desejo sexual por alguém que se encaixa nos padrões de heteronormatividade vem de questões emocionais ou de uma imposição de uma tendência global de celebrar o homem *gay* másculo.

5 CONSIDERAÇÕES

A evolução das tecnologias de informação e comunicação mudaram drasticamente a forma com que a humanidade se relaciona com o mundo, com as máquinas e consigo. A última revolução tecnológica foi a responsável pela emergência da internet e de várias outras tecnologias que mantêm o ciberespaço ativo e as tecnologias que são utilizadas para que as pessoas possam interagir com o mundo virtual e com outras pessoas que nele “habitam”. Para interagir com as pessoas que utilizam redes sociais, aplicativos e a *internet* em geral, é necessário que se utilize a linguagem que é capaz de transmitir de forma sistêmica ideias, sentimentos por meio de uma convenção de signos, sons, etc.

Este trabalho teve a intenção de investigar os discursos registrados em perfis públicos de um aplicativo de relacionamentos voltado para homens gays sob a luz da teoria do poder simbólico de Pierre Bourdieu.

Descobriu-se que nesse espaço o poder e a violência simbólicos são tão ativos nessa parte do ciberespaço (aplicativo de relacionamento), quanto no mundo real.

Notou-se uma forte presença de um discurso que conota aspectos pejorativos ao adjetivo afeminado para rebaixar um homem que tem traços ou comportamento feminino, como fosse ruim para alguém do sexo masculino se parece com uma mulher. Aparentemente faz-se isto com o objetivo de inferioriza ou até mesmo desumanizar qualquer pessoa que em algum momento de sua vida foi identificado como do gênero masculino e que é afeminado, seja o homem *gay*, a travesti, a transexual.

Os discursos dos usuários também apresentam preconceito contra pessoas que não estão no peso considerado como padrão. Além disso é perceptível a forma rápida e direta que os pensamentos são expostos nos perfis do aplicativo, de tal maneira que beira a indelicadeza. Esquecendo-se de que naquele ambiente virtual estão pessoas e não objetos prontos para suprir desejos, carências ou fetiches.

REFERÊNCIAS

ALVES, Giovanni. **Trabalho e subjetividade**: o espírito do toytismo na era do capitalismo manipulatório. São Paulo: Boitempo, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro, 1989.

CERVANTES, Brígida Maria Nogueira. **A construção de tesouros com a integração de procedimentos terminográficos**. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2009 Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/cervantes_bmn_do_mar.pdf> Acesso em 12 ago. 2016.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LÉVY, Pierre. Uma perspectiva vitalista sobre a cibercultura. In: LEMOS, André. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MALHEIRO, Armando. **Paradigmas, serviços e mediações em Ciência da Informação** / Armando Malheiro, Fernanda Ribeiro. Recife: Nectar, 2011.

MONTEIRO, Silvana Drumond. **O Ciberespaço**: o termo, a definição e o conceito. The Cyberspace: the term, the definition and the concept. **DataGramZero**, v. 8, p. 1-18, 2007. Disponível em: <http://www.brapci.ufpr.br/brapci/repositorio/2010/01/pdf_31a590c998_0007547.pdf>. Acesso em 08 ago. 2016.

UNESCO. **Desafios da universidade na sociedade do conhecimento**: cinco anos depois da conferência mundial sobre educação superior / Carlos Tünnermann Bernheim e Marilena de Souza Chauí. – Brasília: 2008. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001344/134422por.pdf>> Acesso em: 07 ago. 2016.